À SOMBRA DA CRUZ (*)

Andrade Furtado

Ecoou, em meio de consternadas recordações, a noticia do falecimento de Álvaro Bomílcar, ocorrido no Rio de Janeiro, a 12 de setembro último O desaparecimento do ilustre homem de letras cearense bem merece o preito de saudade de quantos professam as justas do espírito e se batem pela salvaguarda dos nossos direitos fundamentais.

Essa destacada figura de desbravador, valente alpinista, sempre voltado para as alturas do Ideal, debateu, por tanto tempo, os planos a seguir, na defesa dos interêsses do Brasil.

Com a sua pena destra e de forte têmpera, soube despertar os sentimentos de amor à Pátria e à dignidade da pessoa humana

Foi católico destemido. Tomou sem receio posição de vanguarda entre os que militaram pelas reivindicações cristãs.

Trata-se, como é notório, de autêntico valor cultural, que desceu ao túmulo, silenciosamente, ante a indiferença da Metrópole, onde, por tantos anos, participou de movimentos cívicos e literários de alta ressonância no seio das classes intelectuais.

Já velho e exaurido de fôrças, pela enfermidade que o vitimou, minando-lhe, aos poucos, a saúde, ficou prêso ao leito, numa situação melancolica, inteiramente arredado do burburinho e tumulto da cidade tentacular.

Votou grande amor à terra e à gente do seu Estado natal Temos o dever de prestar culto de sincera veneração a memória dêsse intrépido e leal batalhador do bom combate.

Nasceu Álvaro Bomílcar da Cunha na freguesia do Crato, em 1874. Muito moço, ainda, seguia para o Sul, ingressando nas fileiras

(*) *Discurso proferido na sessão de* 5-10-57.

do Exército. Tomou parte em choques armados, nas coxilhas do Rio Grande, em prol do govêrno, na revolução de 1893.

De volta, matriculou-se na Escola Militar. Sendo, mais tarde, envolvido na agitação, rebentada naquele estabelecimento, cortou, bem cedo, assim, a carreira que abraçara.

Iniciou-se, então, no funcionalismo público, chegando a ocupar, depois, cargos de relêvo na burocracia.

Como jornalista, colaborou, assìduamente, em importantes diários cariocas. Publicou livros, entre os quais "Poemas Sentidos" e outros, bem como monografias de propaganda nativista. Formou-se na tradicional e benemérita Faculdade de Direito do Ceará, em 1908.

A estréia da sua atividade, no campo das letras, realizou-se em 1883, quando fundou em Mato Grosso, com o escritor Pedro Trony, o periódico de tendências políticas renovadoras — "A Pátria". Em 1889, transportando-se para a Capital da República, editou, ali, "O Palladium", na companhia de Pereira da Silva. Retornando ao Ceará, lançou à publicidade "O Germinal", em 1905. Participaram com êle da redação dêsse semanário, destinado a exercer influência no meio acadêmico, Ábner de Vasconcelos, Bezerra Filho, Álvaro Adolfo e José Vieira.

No mesmo ano, ao lado de Tomás Pompeu, Soriano de Albuquerque, Rodrigues de Carvalho, Alfredo de Castro, fêz circular, em Fortaleza, a "Revista do Ceará", mensário que incluía, em seu programa, questões jurídico-sociais.

Em Belém do Pará, trabalhou na redação da "República", órgão do partido chefiado por Lauro Sodré. Em Manaus militou na imprensa quotidiana, como redator da "Federação", e, em seguida, do "Amazonas". Regressando ao Rio de Janeiro, pôs-se à frente de movimentos nacionalistas, com larga e aplaudida repercussão na época. Apoiado por Jackson de Figueiredo, Damasceno Vieira e Castro Lopes, fundou a sociedade "Propaganda Nativista", em 1919.

Logo mais, tendo como ilustre companheiro de jornada o professor Alcebíades Delamare, instalou o "Apostolado Nacionalista", em cionalista". Ainda arregimentou o "Apostolado Nacionalista", em 1921, do qual fizeram parte Astrogildo Azevedo, Padre Assis Memória, Eurico Martins, Leôncio Mouzinho e outros paladinos da luta pelo soerguimento cívico do País.

Como bem se depreende desta exposição, feita de relance e haurida em várias fontes, sôbre o dinamismo de Álvaro Bomílcar, para qualquer ponto onde o levasse o seu ímpeto aventuroso, de cavaleiro andante do Pensamento, arregimentava hostes e empreendia batalhas pelo desenvolvimento e progresso do Brasil.

No dizer de Euzébio de Sousa, conquistou reputação indiscutível como sociólogo, tendo a atenção constantemente voltada para o estudo dos problemas morais e econômicos da Nacionalidade. Onde quer que, cumprindo o seu fadário de bandeirante nortista, fixasse a sua residência, no Acre, no Amazonas, em Mato Grosso, no Pará, no Distrito Federal ou nesta amada urbe de Martim Soares Moreno, estabeleceu instituições, abriu jornais, pronunciou conferências, ministrou aulas, deixando de si fragmentos do coração e cintilações do cérebro!

A seu respeito é justo afirmar: — foi um cidadão de princípios, sem mêdo de assumir atitude, talhado para o dinamismo político, isto é, para os bons combates. Um construtor social, de ânimo expansivo, resoluto, cavalheiresco e audaz. Afonso Celso, em artigo de crítica na imprensa carioca, definiu a fisionomia de Álvaro Bomílcar, como poeta, orador, publicista, líder de fulgente projeção, pela sua invulgar capacidade de trabalho, nobreza de propósitos e rigidez de caráter.

Êsse o insigne consócio do "Instituto do Ceará", eleito em 1929 para a cadeira vaga pela morte do ilustrado historiador, de inolvidável memória, João Batista Perdigão de Oliveira. Com a mudança definitiva do seu domicílio para o Rio de Janeiro, lhe foi conferido o título de sócio honorário, que tanto dignificou.

O autor de "O Preconceito da Raça" e "A Política no Brasil" mereceu, no testemunho de José Sombra, que o saudou, ao recebê-lo, nesta Casa, aplausos de vultos da nomeada de João Ribeiro, Pedro Couto, Everardo Bakeuser, Oliveira Viana e muitos outros luminares de subido mérito. Amigo íntimo do autor da "Finalidade do Mundo", Álvaro Bomílcar deu-nos o seu depoimento sôbre a admiração que Farias Brito votava, nos amadurecidos dias da sua vida, à doutrina apostolar da Igreja. Disse aquêle expoente da filosofia espiritualista no Brasil, numa roda de amigos, em que se achava presente tão autorizada testemunha, essa frase de cunho lapidar: — "Estou convencido de que o Catolicismo é o grande baluarte da Sabedoria e da Verdade". Com que radioso júbilo êle se fêz arauto dessa lúcida e excelsa mensagem de Fé!

—: ☆ :—

Artista primoroso, Álvaro Bomílcar glorificou o Parnaso Nacional. Ainda poucos dias antes da sua morte, em Variedades Literárias, na secção "Antologia de Poetas Cearenses", estampou "O Nordeste" êste sonêto da sua lavra, que pode figurar entre os melhores da nossa literatura poética:

Vive feliz e morre como um santo
O modesto campônio, o sertanejo,
Que, à distância de um pobre lugarejo,
Habita em paz bucólico recanto.

Pois quando a noite estende o negro manto,
Dorme sem ambição e sem desejo...
E, quando o sol envia o louro beijo
Da manhã, se levanta sem quebranto,

Feliz porque nasceu de pais obscuros
E morrerá na rústica pobreza,
Na boa fé dos sentimentos puros!

Sem ciência nem livros em que estude,
Só sabe ler conforme a natureza
A bíblia verde da existência rude!

Outro perfeito quartozeto sirva de amostra do valor e da técnica do bardo-filósofo, para documentário da sua sensibilidade vocacional:

J E S U S

Nos limites sublimes da razão,
Onde há um novo altar de forma estranha,
Pude em sonho galgar essa montanha
Onde o Cristo pregava à multidão...

Vi-lhe a face de perto. A exaltação
Com que falava ao Pai, na erguida peanha:
Não era o verbo da orgulhosa insânia,
Era, sim, mais que amor e perfeição!

A verdade é Jesus! — disse eu convicto!
O que não crê no Pai, andando aflito,
Busca embalde na ciência o Ser e a Luz...

Homens, que abris em vão laboratórios,
Sábios, vós não sois mais do que simplórios,
Filósofos, voltemos a Jesus!

Não é menos burilada nem menos rutilante essa jóia colhida no escrínio dos seus versos, jóia que rivaliza com as mais formosas preciosidades do tesouro das nossas belas letras.

Vemos palpitar na lira inspirada do aedo conterrâneo as vibrações ardentes de uma alma arrebatada nas asas da fé às culminâncias da beleza e da bondade infinitas.

A morte do antigo e querido consócio do *Instituto* enche-nos o coração de mágoa e enternecimento. Sabendo-o gravemente enfêrmo, a sua lembrança repontava, em nossa memória, de vez em quando, entre vivas emoções e o reconhecimento de quão larga e intensa foi a irradiação da sua marcante personalidade, no mundo da Inteligência.

Caloroso patriota, empregou as energias do seu talento e da sua tão sólida cultura a serviço das causas de glorificação do País.

Sentinela avançada da pureza das instituições políticas e sociais, quebrou lanças — as lâminas da pena amestrada e dúctil — em favor dos postulados da sua bandeira de guerra e de paz. Poderia ter exagêro o tom da sua proclamação, a altura do seu clamor, a voz do seu apostolado. Mas em tudo que defendia ou atacava punha timbre de nobreza e de sinceridade inconfundíveis.

Quem de nós, tendo-o visto perlustrar o caminho daquelas campanhas pelo enaltecimento da linhagem e bravura da raça, já esqueceu a verticalidade das suas atitudes, o desapêgo ds seus empreendimentos, o culto dedicado, com entusiasmo e vibração, aos ideais por que impàvidamente pugnou?

Ao companheiro que descansa tranqüilo à sombra da Cruz, a homenagem dos que com êle aqui viveram grandes horas de anseios pelos destinos da Pátria e da Civilização cristã e latina!